

# A Cabília Grita o Desespero de Toda a Argélia

José Garçon\*

*Numa Argélia de onde a violência não foi erradicada e onde os generais no poder se sentem cada vez mais acossados, a explosão na Cabília é sinal de um desespero generalizado que já não tem a ver apenas com as reivindicações berberes. A revolta vai arrastar ao resto do país?*

Perto de cem mortos em duas semanas de confrontos na Cabília, recomeço da violência em quase todo o país, vida política algemada, empobrecimento galopante que não poupa sequer as classes médias: a Argélia parece não poder nunca sair da crise política e social na qual mergulhou há mais de uma década.

Dois anos depois da sua chegada ao poder, Abdelaziz Bouteflika não cumpriu nenhuma das suas promessas. Não trouxe a paz, nem realizou as reformas da educação, da administração e da justiça, que considerava “indispensáveis”. Envolvido num conflito de poder com o alto comando do Exército, não pára de percorrer o mundo. Dá assim a impressão aos argelinos de que a sua principal preocupação é valorizar a sua “imagem” no estrangeiro, tendo como único objetivo inverter a seu favor a relação de forças com os chefes militares.

O sistema, encerrado nas eternas lutas de clãs e funcionando em circuito fechado, nunca pareceu tão distante da rua. Enquanto a Cabília explodia, depois de um jovem de liceu ter sido friamente abatido no dia 18 de Abril numa esquadra de polícia, o

poder manteve durante onze dias um mutismo impressionante. Por seu lado, o chefe de Estado não considerou útil interromper uma viagem à Nigéria, onde assistia a um congresso sobre a sida.

Quando finalmente se dirigiu à Nação, fê-lo num árabe rebuscado, que a maioria dos argelinos não compreende. E, sobretudo, limitou-se a dizer

*Os generais, acusados de terem cometido abusos de grande dimensão durante uma “guerra suja” que parece nunca mais acabar; terão pensado que poderiam livrar-se deste mau passo através da ameaça de uma “insurreição na Cabília”?*

uma série de generalidades, não propondo nem anunciando nada de concreto excepto uma “comissão de inquérito” sobre os confrontos, uma medida que não goza de qualquer credibilidade porque na Argélia foi sempre sinónimo de “história classificada”.

A questão está longe de ser episódica. Ela consagra a ruptura total de um regime que chegou ao limite na relação com a população. Há 13 anos, o Presidente Chadli Bendjedid apercebeu-se da dimensão dos motins que abalaram o país em Outubro de 1988, provocando 500 mortos depois de o Exército ter disparado sobre a multi-

plão. Anunciou então reformas profundas que assinalaram o fim do partido único. Nada disso acontece hoje, apesar dos actuais confrontos da Primavera de 2001 se assemelharem aos de 88 ao ponto de quase se confundirem. Porque, apesar de até aqui terem afectado apenas o centro do país, relegaram para segundo plano as reivindicações culturais e linguísticas berberes que se exprimiam tradicionalmente na Cabília.

É verdade que a exigência de um reconhecimento oficial da língua tamazight (berbere) não desapareceu. Mas pela primeira vez está claramente inserido no combate geral pelas liberdades e democracia. As raras declarações a favor da autonomia (mais ouvidas em França do que na Argélia) foram rapidamente esquecidas. As palavras de ordem denunciando a corrupção e a arrogância do poder generalizaram-se rapidamente. Todos reclamam o fim da impunidade e estigmatizam a “hogra”, este desprezo a que as autoridades votam os argelinos. Os jovens revoltados da Cabília, muitas vezes alunos de liceu, exprimem uma cólera que nada parecia conseguir canalizar e que escapava ao controlo dos partidos políticos. É por isso que atacam e incendiam as esquadras de polícia e os símbolos

\* Jornalista do *Libération*

de um Estado inexistente, à excepção da brutalidade dos meios que utiliza.

A recusa do poder de tolerar qualquer espaço democrático autónomo, e a sua vontade de refrear qualquer força de oposição real criaram efectivamente um vazio político que explica que milhares de jovens se tenham voltado para a violência. Entregues a si próprios, contestam o combate pacífico porque a força foi desde sempre a única resposta às suas aspirações, da Primavera berbere de 1980 aos confrontos de Outubro de 1988, passando pela anulação do processo eleitoral de 1991, cuja vitória pertencia aos islamistas da FIS.

Esta juventude radicalizada considera que não tem nada a perder. Esmagada pela miséria e sem esperança nesta região que continua a ser uma das mais pobres e mais povoadas da Argélia, e que sobrevive apenas graças a uma forte emigração. “Não nos podem matar, nós já estamos mortos”, “poder assassino”, gritam os manifestantes de Tizi Ouzou e Bejaia. Ao dizerem “dêem-nos trabalho, alojamentos, e esperança e teremos calma”, exprimem um desespero imenso de toda a juventude argelina. Uma juventude que tem como única opção o exílio ou o desemprego e que já não suporta as falhas da justiça e as restrições às liberdades.

O poder não se enganou. O medo do contágio fora da Cabília leva-o a tentar reduzir o movimento a uma reivindicação estritamente linguística para evitar que as reivindicações sociais e políticas comuns a toda a Argélia aí se exprimam. Sobretudo porque tudo indica que a mobilização vai continuar. E que a exigência de reconhecimento oficial da língua berbere está longe de ser apanágio da Cabília. Exprime-se também noutras regiões do país, nomeadamente nos

Aurés, no Mزاب e nas zonas touareg. Depois de uma breve acalmia, a Cabília continua a gritar a cólera do país inteiro. Esta tentativa de isolar uma região tradicionalmente conflituosa para voltar o resto da população contra a “especificidade cabila” e impedir a adesão à contestação não é nova.

Mas até aqui revelou-se inútil, apesar de continuar a existir o risco de uma manipulação “etnicista” da mesma forma que o poder conseguiu instrumentalizar o medo do islamismo. Assim, com a ajuda de uma revolta

*Os jovens revoltados da Cabília, muitas vezes alunos de liceu, exprimem uma cólera que nada parecia conseguir canalizar e que escapa ao controlo dos partidos políticos.*

geral, a reivindicação organizou-se sem que as reivindicações identitárias assumam a primazia para evitar que o poder perverta o seu verdadeiro sentido político. Ela assumiu uma forma mais pacífica e exprime uma maturidade notada por todos os observadores. A “marcha negra” organizada a 21 de Maio em Tizi Ouzou, em resposta a um apelo de coordenação dos “comités de aldeia”, uma estrutura tradicional à qual se juntaram médicos, advogados, associações de estudantes, constituiu a maior manifestação da história da Cabília. Sem ceder à desordem, uma verdadeira maré humana manifestou, mais uma vez, o seu desprezo relativamente ao poder argelino. Os partidos políticos não tiveram nenhuma presença visível, apesar dos seus militantes estarem presentes em força no desfile.

Uma primeira vez, a 3 de Maio, Argel reencontrou-se com as grandes manifestações. Cerca de 50 mil pessoas manifestaram-se “contra a repressão na Cabília” respondendo ao apelo da Frente das Forças Socialistas

(FFS-oposição) de Hocine Ait-Ahmed. Esta formação procura simultaneamente manter a pressão sobre o poder, mostrar que a contestação não se limita à Cabília, e devolver a iniciativa à acção política num país em que só as armas parecem poder exprimir-se desde há dez anos.

Este sucesso veio desmentir a única conclusão que as autoridades querem tirar dos recentes motins: a morte dos partidos políticos.

Esta maturidade de um movimento – no qual os “comités de aldeia” parecem recomegar a ter um papel decisivo de contra-poder cívico – poderá impedir manipulações ideológicas e evitar desvios violentos? Desde sempre o poder procurou criar uma diversão berberista na Cabília para colocar árabes contra cabilas. Da mesma forma, os generais argelinos criaram o hábito de utilizar a violência com um triplo objectivo: resolver os contenciosos lutando por interposta população desde a independência em 1962; aparecer como o único elemento de estabilidade do país e impor o “menor dos males” aos olhos dos parceiros estrangeiros da Argélia.

Da resposta a esta questão essencial depende, sem dúvida, o futuro dos acontecimentos. As provocações das forças da ordem, que duram há mais de um mês, foram incontestavelmente o factor que desencadeou os motins na Cabília. Elas lembram como a exasperação e as frustrações da rua podem ser instrumentalizadas. E colocam várias questões: terá o regime deixado apodrecer a situação na Cabília para que esta seja a ocasião de “normalizar” uma região tradicionalmente hostil ao poder e ao integrismo? Estará à espera que o movimento acabe por se esvaziar? As forças da ordem continuam a disparar, mesmo que esporadi-

camente, sobre os manifestantes para reinstaurar o medo e dissuadir assim qualquer movimento de solidariedade fora da região? As provocações constantes das forças da ordem, que provocam a agitação, inserevem-se na luta pelo poder que travam Bouteflika e os generais, estes últimos procurando desestabilizar mostrando o falhanço da sua política em todos os domínios?

Os generais, acusados de terem cometido abusos de grande dimensão durante uma “guerra suja” que parece nunca mais acabar, terão pensado que poderiam livrar-se deste mau passo através da ameaça de uma “insurreição na Cabília”?

Seja como for, este último ponto pesa muito na actual situação. O sucesso considerável (mais de 70 mil exemplares) da “Guerra Suja”, um livro-testemunho de um jovem oficial argelino, Habib Souaidia, colocou na defensiva os “decisores”, como é conhecido na Argélia o grupo de generais que assumem a realidade do poder.

De facto, pela primeira vez desde o início do conflito em 1991, as acusações feitas contra o Exército argelino são demasiado bem fundamentadas para poderem ser afastadas com um gesto. Sobretudo porque o livro de Souaidia não se limita a confirmar a responsabilidade das forças de segurança

na violência que ensanguentou o país e que não fica a dever nada à dos islamistas. Conta também, a partir do interior, o mal estar dos jovens oficiais face à corrupção e às práticas do alto comando militar: A tripla queixa por “tortura” que obrigou, no final de Abril, o general Khaled Nezzar, ex-homem forte do regime, a abandonar precipitadamente a França, agravou a obsessão dos altos cargos argelinos virerem um dia a ter que prestar contas. Estas queixas e uma petição de intelectuais franceses e europeus exigindo a “criação de um TPI para a Argélia” acabaram com um enorme tabu. Até aqui com a garantia de impunidade total, os generais vêem-se pela primeira vez na posição de acusados.

Isto explica, sem dúvida, o mutismo oficial de Argel em relação ao debate lançado em França sobre a prática da tortura pelo exército colonial durante a guerra da independência (1954-1962). Tudo se passa, na realidade, como se os “decisores” preferissem evitar dar demasiada importância a uma polémica sobre a tortura no passado por recearem que ela leve à abertura de um debate sobre o presente.

Estas acusações contra a alta hierarquia teriam, evidentemente, menos impacto, se não tivessem surgido numa altura em que a desilusão relativamente

te ao regime é patente. Dois anos depois de ter chegado ao poder, Abdelaziz Bouteflika parece desgastado, apesar de ter beneficiado de uma situação excepcional (receitas financeiras excepcionais, reorganização do Exército, e total apoio internacional). Se o seu conflito de poder com o alto comando militar é real, raros são os que pensam que ele tem a ver com mudanças e a abertura política do país. Prova disso é o regresso à cena de muitos dos “barões” da FLN, antigo partido único; a sua visão do mundo e da sociedade afastada do mundo real e que continua a ser a dos anos 70; o controlo dos espaços de liberdade – começando pela imprensa –, um discurso económico flutuante...

O falhanço da tentativa de restaurar a paz não é decepção menor. Torna irrisórias as declarações oficiais que dizem, como Mohamed Lamari, o poderoso chefe do Estado-maior, que “o terrorismo está vencido e que restam apenas acções de bandidos”, ou de Bouteflika congratulando-se pelo “triunfo” da política de “concordia civil”. Só no ano 2000, mais de dez mil vítimas suplementares vieram somar-se aos cerca de 150 mil mortos de um conflito que dura há dez anos. A esperança criada pela melhoria da situação a nível de segurança é hoje apenas uma lembrança longínqua.

Não prevendo nenhuma solução política para a crise, a lei dita de “concordia civil” não obteve os resultados esperados. O número de “arrepentidos” não atingiu os 2 000, entre os quais se contam muitos “infiltrados” dos serviços de segurança na guerrilha. Além disso, os novos picos de violência atribuídos oficialmente aos islamistas armados levantam mais dúvidas do que as que resolvem. No entanto, alguns dados são incontestáveis.



*Manifestação em Argel, a capital contra o “estado policial” e em apoio da minoria berbere da Cabília.*

1 – O mapa dos confrontos alarga-se mesmo aos planaltos, com as regiões de Orão, Cabília, Médéa, Blida, e o extremo oriental do país a serem as mais afectadas.

Em algumas regiões está-se mesmo nos antípodas de um regresso à normalidade, como por exemplo nos arredores de Jijel. Durante muito tempo bastião do Exército Islâmico de Salvação (AIS), o braço armado da FIS, esta zona parece ter sido recuperada pelo Grupo Salafista de Predicação e Combate (GSPC) de Hassan Hattab, um dos dois movimentos, com os Grupos Islâmicos Armados (GIA) de Antar Zouabri, aos quais são atribuídas as actuais acções de violência.

O único oásis de segurança continua a ser Argel, apesar de alguns atentados. Este esforço de manter a capital segura é feito às custas de uma vigilância permanente que se apoia numa multidão de “indicadores” de todo o tipo, alguns dos quais recrutados entre os “novos táxis”, como são conhecidos os islamistas arrependidos aos quais as autoridades deram carta de condução e carro.

2 – A reorganização dos grupos armados.

Esta é real, embora a maioria deles esteja muito dividida e as suas acções não passem, muitas vezes, de banditismo puro. Não é o caso do GSPC, um grupo muito bem estruturado, cujo confronto com as forças de segurança os as milícias armadas pelas autoridades assumiu um carácter quase profissional. O GSPC multiplica assim os golpes audaciosos contra as forças de segurança e, ao contrário do GIA, já não ataca “civis inocentes”.

Isto torna particularmente misteriosas as matanças que atingem quase exclusivamente as populações pobres e as aldeias isoladas da zona da Mitidja, onde o GSPC nem sequer está implantado. Não se percebe exactamente o que os “bandidos” que seriam o GIA podem querer roubar a estas populações de miséria.

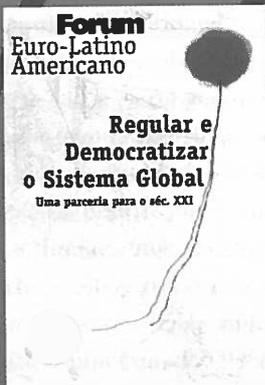
3 – O falhanço da concórdia civil.

A única certeza é a de que a violência fragiliza Bouteflika porque significa o falhanço da sua “concórdia civil”. Se a opacidade na qual elas se desenrolam baralha as cartas, a amplitude da reorganização dos grupos armados continua a não ter qualquer explicação. Sobretudo num país onde os controlos foram bastante reforçados.

Uma das respostas poderá residir nas lutas de elãs que opõem de forma cada vez mais dura Bouteflika e o Estado-maior. Este não ignora que a perpetuação da violência contribui para enfraquecer o chefe de Estado, ao mostrar para o exterior que o islamismo armado continua a ser um perigo.

Também não se percebe bem como é que o regime consegue desde há dez anos evitar que sejam atingidos locais estratégicos e de interesse vital (instalações de exploração de gás natural ou petróleo, zonas de residência da nomenklatura e dos notáveis...). Como também não se compreende como é que o Exército consegue transformar a Argélia num oásis de paz e de segurança durante os períodos eleitorais, nomeadamente as presidenciais.

Deve-se sublinhar que o principal perigo para o regime não provém da perpetuação da violência. Pelo contrário: segundo todos os peritos, o sistema precisa de um nível mínimo de violência para se manter. Por outro lado, a contestação social e o desespero que existem em todo o país e que se exprimem actualmente na Cabília constituem uma ameaça muito mais séria para um poder que começa a perder o fôlego. ■



## Regular e Democratizar o Sistema Global

Globalização. Integração. Relação União Europeia - Mercosul. Textos preparados no quadro do projecto de investigação do Forum Euro-Latino-Americano sobre “A Europa e a América Latina perante a integração nas Américas”.



## Valores da Europa

Valores da Europa tem como ponto de partida uma interrogação: qual é a identidade da União Europeia? Qual é o princípio de identidade colectiva que permitirá levar a bom termo o projecto de construção de uma União política democrática de mais de 370 milhões de pessoas, cidadãos de vários e antigos Estados com uma enorme diversidade cultural e linguística?

Encomendas para:

Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Lda.  
Avenida Marques Leal, 21, 2º – 2765-495 S. João do Estoril

Teléfono: 21 467 87 10 · Fax: 21 467 87 19 · E-mail: encomendas@principia.pt · URL: <http://www.principia.pt>